



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**Valdeci Rodrigues dos Santos  
Ronaldo Francisco Colares**

**O TRABALHO CAMPONÊS NA VÁRZEA  
DO RIO AMAZONAS:  
UMA ANÁLISE NA COMUNIDADE DA COSTA DO TAPARÁ**

**Santarém-PA  
2017**

**VALDECI RODRIGUES DOS SANTOS  
RONALDO FRANCISCO COLARES**

**O TRABALHO CAMPONÊS NA VÁRZEA  
DO RIO AMAZONAS:  
UMA ANÁLISE NA COMUNIDADE DA COSTA DO TAPARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Integrada em História e Geografia, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sob a orientação de Karl Heinz Arenz.

**Santarém – PA  
2017**

# **O TRABALHO CAMPONÊS NA VÁRZEA DO RIO AMAZONAS: UMA ANÁLISE NA COMUNIDADE DA COSTA DO TAPARÁ**

*Valdeci Rodrigues dos Santos  
Ronaldo Francisco Colares*

## **Resumo:**

A alternância do nível do rio é um fator ecológico, mas também um vetor limitante e determinante para a vida nos ambientes das várzeas do rio Amazonas. Seu caráter “anfíbio” da área de várzea levou o homem, que a ocupa, a desenvolver meios e estratégias adaptativas peculiares para a sua permanência. O objetivo desta pesquisa é reconhecer os usos individuais e coletivos dos ambientes de várzea e debater sua compatibilidade com o atual padrão de ocupação e uso da várzea. Para o desenvolvimento desta pesquisa, que é de abordagem qualitativa, busca-se um entendimento mais aprofundado acerca da vida na várzea, sobretudo quanto à sua dimensão econômica social e cultural. A comunidade rural de várzea estudada, Costa do Tapará, serviu para aumentar o conhecimento dos discentes sobre a realidade rural na Amazônia.

**Palavras-chave:** várzea, campesinato, pesca, agricultura, comunidade

# THE PEASANT WORK IN THE FLOODLAND OF THE AMAZON RIVER: AN ANALYSIS IN THE COMMUNITY OF COSTA DO TAPARÁ

*Valdeci Rodrigues Dos Santos*  
*Ronaldo Francisco Colares*

## **Abstract:**

The constant alternation of the river level is an ecological factor, but also a limiting and determining vector for life in the floodplain environments of the Amazonas river. The “amphibious” character of the floodplain area led man, who occupies it, to develop adaptive means and peculiar strategies for his permanence. The objective of this research is to recognize the individual and collective uses of floodplain environments and to discuss its compatibility with the current pattern of occupation and use of the *várzea*. For the development of this research, which is of qualitative type, a deeper understanding of life in the floodplain is sought, with special regard to its social and cultural economic dimension. The rural floodplain community studied, Coast of Tapará, served to increase the knowledge of the students about the rural reality in the Amazon region.

**Keywords:** floodplain, peasantry, fishing, agriculture, community

## INTRODUÇÃO

A vida dos moradores ribeirinhos parece estar distante do mundo da alta tecnologia e dos supernegócios, tendo como principal característica uma existência de subsistência e de isolamento geográfico. Os ribeirinhos são, por isso, ainda com muita frequência, estereotipizados como desconfiados e rudes, pois supostamente pouco comunicativos e fechados no seu “pequeno mundo”.

Pouco se dá atenção ao fato de que as muitas comunidades rurais às margens dos grandes rios e pequenos igarapés, há séculos, constantemente estão moldando os seus estilos de vida no intuito de adaptá-los às modificações do mundo em volta a também afetam a eles. Ao adquirir novos conhecimentos, ao incluir novas técnicas, ao mandar os filhos estudarem na escola, ao receber o benefício do Bolsa Família ou Bolsa Verde, seu cotidiano já está sujeito a mudanças, mas sem que o ritmo anual de cheia e vazante deixe de ser o referencial, para não dizer, o eixo, de sua atividade socioeconômica e, também, de seu imaginário sociossimbólico.

Com este olhar, o presente trabalho enfoca uma comunidade “típica” da região de várzea no município de Santarém, para conhecer os modos de vida e de trabalho de seus moradores. O objetivo central da pesquisa é reconhecer os usos individuais e coletivos dos ambientes de várzea e debater sua compatibilidade com o atual padrão de ocupação e uso da várzea. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de abordagem qualitativa, buscou-se um entendimento mais aprofundado acerca da vida na várzea, sobretudo quanto à sua dimensão social, cultural e econômica.

Quanto aos procedimentos metodológicos foi feita, em vista da elaboração do primeiro e segundo item, que versam, respectivamente sobre os camponeses da Amazônia e o ambiente da várzea, uma pesquisa bibliográfica. Foram consultados livros, artigos científicos, periódicos e trabalhos acadêmicos. No que concerne o terceiro item, que trata da comunidade ribeirinha da Costa do Tapaná, as entrevistas formais feitas com alguns moradores e as próprias experiências dos autores – dos quais um é originário da comunidade – forneceram as devidas informações referentes aos usos e trabalhos naquele ambiente peculiar da várzea.

Quanto aos sujeitos deste estudo, os termos “camponês”, “ribeirinho” ou “camponês da várzea”, empregados neste trabalho são usados como sinônimos para especificar os grupos humanos que vivem essencialmente da interdependência da terra/água e do que nela produzem. Em geral, a regime produtivo baseia-se no trabalho

familiar e, em decorrência disso, a família detém o controle de sua produção. Por isso, resistem às imposições de interesses capitalistas que visam à expropriação de seus modos de vidas e de seus territórios, conforme expressa Bernardo Fernandes (2008).

Uma explicação mais abrangente acerca das habitantes da várzea, de cunho histórico-étnico, que também se aplica aos sujeitos deste trabalho, é apresentada por Karl Arenz. Ele afirma que

as populações ribeirinhas [...] tradicionalmente habitam as várzeas do rio Amazonas e de seus afluentes. No decorrer das últimas décadas, um grande número de integrantes destas comunidades camponesas instalou-se, em consequência da rápida urbanização e de seus impactos no mundo rural, nas áreas periféricas das cidades da região. Quanto à origem étnica e matriz cultural predominantes destas populações, trata-se, de modo geral, de descendentes de índios e mestiços submetidos, ao longo da história, a diversas tentativas de incorporação ao projeto colonial (séc. XVII e XVIII) e nacional (séc. XIX e XX) promovidas pelas elites regionais (ARENZ, 2015, p. 29).

O trabalho visa contribuir a um conhecimento mais aprofundado das comunidades ribeirinhas nas áreas de várzea no município de Santarém. Este ambiente, além de uma área de produção importante (peixe), é lugar de origem de muitas pessoas que hoje vivem na cidade, tendo marcado, portanto, as experiências de vida de muitos com os quais convivemos hoje.

## **1. O CAMPESINATO E O CAMPONÊS AMAZÔNIDA**

Camponês é um conceito muito complexo, pois depende do lugar geográfico e do tempo histórico para defini-lo. Assim, Eduardo Girardi deixa claro que o camponês de hoje evidentemente não é mais aquele que havia na Idade Média no continente europeu. O autor esclarece que o camponês

modificou sua forma de produção e vida, sua relação com o mercado e com a cidade, contudo, preservou suas características básicas: a produção familiar e a resistência, com as quais se podem identificar camponeses em diferentes partes do mundo (GIRARDI, 2009, p. 108).

Eduardo Girardi alega ainda que os camponeses atuais como sujeitos que desenvolvem atividades com força de trabalho familiar, que têm a terra como local de produção e reprodução social, ou seja, são altamente comunitários e que tendem a lutar, cada vez mais, não só para permanecer na terra, mas também contra as desigualdades sociais impostas pelos governos liberais.

Já Margarida Moura (1988) realça a relação que o campesinato mantém com a terra, seus conhecimentos dos fenômenos naturais, o modo de produção e a finalidade de seu trabalho. Outra forma de definir o camponês é entendê-lo como um trabalhador que ara e cultiva a terra sem ser aquele que dirige o empreendimento rural.

Quanto ao campesinato amazônico, ele tem uma constituição ímpar, pois é resultado do contato com os colonizadores europeus e da imposição de territorialidades pela coroa portuguesa, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, quando foram instauradas as políticas territoriais que visavam à produção de um espaço culturalmente homogêneo, com o intuito de transformar os povos amazônicos, dos quais a maioria de ascendência indígena, em campesinato subordinado aos interesses mercantis europeus, afirma Manuel da Cruz (2007).

Apesar das tentativas históricas de criar um campesinato homogêneo na Amazônia, reconhece-se hoje a diversidade de atividades e relações que, os diferentes grupos de camponeses da região mantêm entre si, com as autoridades e, sobretudo, com os diferentes ambientes locais. Podemos, assim, destacar: os pescadores artesanais e agricultores familiares, ribeirinhos, caboclos, catadores de caranguejo (nos mangues do litoral), açazeiros, castanheiros, posseiros de terras públicas e privadas, quebradeiras de coco babaçu, pequenos proprietários de terras, parceiros e meeiros, quilombolas e grupos indígenas que se relacionam com o mercado, poliprodutores, assentados de reforma agrária, pequenos criadores, entre outros (CRUZ, 2007).

Esta pesquisa desenvolveu-se com os camponeses-ribeirinhos da comunidade de Costa do Tapará. Os relatos a seu respeito são comedidos, mas são entendidos aqui como sujeitos que desenvolvem atividades de pesca e agricultura voltadas para o autoconsumo da unidade familiar, assim como para a comercialização de excedentes no mercado local.

### **3. A ÁREA DE VÁRZEA**

Há quem diga que várzea é uma área de terra alagada no período da cheia na região Amazônica, mas esta concepção geral mudou a partir de estudos voltados para o tema. São muitos os fatores que contribuíram para a formulação de um novo conceito de várzea ou área de várzea. O aspecto humano em si é menos importante para este novo conceito, que frisa o espaço da várzea como meio de produção e de manutenção econômica dos ribeirinhos que tradicionalmente o habitam. Também se aponta, devido às condições

ambientais e climáticas específicas, para sua função berçário reprodutivo para as espécies marinhas.

Segundo Ana Carlolina Surgik (2005), várzea é um ambiente heterogêneo, no entanto, ela se apresenta de variadas formas ao longo dos rios da Amazônia. São encontrados diferentes tipos de várzeas, que se diferenciam principalmente em função do relevo e de sua vegetação. De acordo com a forma do relevo, temos a várzea alta e a várzea baixa.

A primeira sofre inundação curta, ou seja, é inundada apenas no pico das cheias que, em grande parte do território amazônico, acontece entre os meses de abril e junho. Esse fenômeno ocorre na região do Baixo Amazonas. A várzea baixa é inundada por um período mais longo, o que contribui para a deposição de uma quantidade maior de sedimentos e, em decorrência disso, para a formação de diferentes ecossistemas na planície de inundação (SURGIK, 2005).

A constante alternância das fases terrestre e aquática do nível do rio é um fator ecológico e constitui um vetor limitante para a vida nos ambientes das várzeas do rio Amazonas, pois esta variação tem consequências fundamentais sobre a diversidade de vida, sobre as formas de vegetação e sobre a distribuição das espécies. As mudanças tanto no âmbito aquático como nas vegetações florestais dependem da idade dos solos, de sua textura, da taxa de sedimentação, da força da corrente e, também, do período de inundação. Pode-se resumir que as alternâncias cheia-vazante e as dinâmicas fluviais, erosiva e sedimentar afetam consideravelmente a estabilidade do ambiente da várzea e, conseqüentemente, todo o seu complexo sistema de vida terrestre e marinho. Para o mundo vegetal, presente nessas áreas, estas inconstâncias resultam em limitações que se traduzem em uma diversidade específica e em adaptações variadas. O mesmo vale para o mundo animal, sobretudo, entre os peixes (FRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007, p. 12).

Esse caráter “anfíbio” da área de várzea leva o homem, que ocupa a várzea, a desenvolver meios e estratégias adaptativas peculiares para a sua permanência. A busca constante por novas perspectivas de vida neste ambiente pressupõe um constante diálogo do homem, enquanto integrante do sistema social, com a paisagem, portanto, como sistema ecológico. Emilio Moran (1990) chama esse processo de adaptação reguladora.

O Baixo Amazonas possui uma particularidade em razão da elevada quantidade de ilhas e lagos que engendram nichos ecológicos nos quais se estabeleceram muitas comunidades.

A região do Rio Amazonas no oeste do Pará, entre a divisa com o Amazonas e o Rio Xingu, conhecida como Baixo Amazonas, é caracterizada por sistemas de grandes lagos rasos que ocupam o interior da várzea, margeados por extensas faixas de campos naturais e florestas que ocupam as restingas ao longo dos braços do rio. A enchente que anualmente inunda a várzea durante vários meses permite a renovação da fertilidade do solo e a migração da fauna aquática entre lagos e o rio. A várzea é uma paisagem dinâmica, constantemente sendo remodelada pelo rio, erodindo restingas num local, assoreando lagos e formando novas ilhas rio abaixo. (WWF BRASIL, 2013, p. 4)

A área de várzea, com suas dinâmicas naturais e as agências humanas forma um sistema complexo e heterogêneo. Os sistemas de produção nas várzeas, que nos interessam aqui, são expressões dos mecanismos socioculturais de adaptação humana a este meio ambiente peculiar.

#### *Características do ambiente de várzea*

Com base no que foi dito acima, pode-se definir a várzea como sendo a porção de terra que alaga no período da cheia, ou seja, causando a diferença da terra firme, que são as porções mais elevadas e nunca inundadas pelo rio. Segundo esses critérios, “a planície Amazônica compreende a várzea ou planície propriamente dita constituída por seus depósitos de canal e de inundação, que é faixa deprimida dentro da qual corre o rio” (FRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007, p. 13).



**Figura 1:** Pescadores em um canal anastomosado na Amazônia.  
**Fonte:** Arquivo Fotográfico do IPAM, 2006.

A constituição de um canal é retilínea, anastomosada (entrelaçado com lagos e outros canais) ou meandrante. Sobretudo a existência de canais anastomosados que constituem um labirinto, composto por lagos, ilhas, paranás e o rio em si, é muito importante para a fauna e para os humanos, como sugere a foto acima. Assim, “as barras de sedimentos que dividem um canal fluvial em múltiplos canais durante o período de seca, podem ficar submersas em períodos de enchente”. Estas barras, muitas compostas de areia no início – daí o termo “coroas de areia” – podem se estabilizar pela deposição de sedimentos mais finos após a enchente. Isso possibilita o surgimento de uma cobertura vegetal que, além de dificultar a erosão, favorece a deposição de mais sedimentos finos, cheios de nutrientes. Essas transformações garantem um maior equilíbrio de flora e fauna o que, por sua vez, é proveitoso para os moradores (FRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007, p. 14).

O calendário agrícola da várzea possui quatro estações que correspondem à combinação dos regimes fluvial: enchente, cheia, vazante e seca. A enchente coincide com o chamado “inverno”, enquanto a “vazante” coincide com o “verão”. Adaptado ao ritmo do rio, as comunidades ribeirinhas organizam, com experiências ancestrais acumuladas e com conhecimentos modernos adquiridos, suas atividades, que são múltiplas, em vista de sua subsistência e de uma vida digna para suas famílias.

### *Estratégias de sobrevivência da população de várzea*

O homem que vive à beira do rio sabe da importância de interagir com seu meio para sobreviver. Assim, ele concebeu múltiplas estratégias para viver com as adversidades climáticas e aquáticas. Também, ele sabe que a sobrevivência da população ribeirinha depende de um equilíbrio mínimo entre os recursos disponíveis e a demanda destas populações por estes recursos. Mesmo sem ter uma formação acadêmica, ele sempre criou subsídios para a sua defesa e manutenção em tempos de dificuldades e escassez de recursos. Muitas atividades de subsistência na várzea servem para controlar ou compensar as flutuações entre necessidade e recursos disponíveis (FRAXE, PEREIRA, WITKOSKI, 2007).

Assim, nas comunidades, a fase terrestre, com baixo nível das águas, é um período de abundâncias concentradas ou, até mesmo, de superabundância de alimentos silvestres e cultivados, enquanto que a fase aquática, ou seja, na cheia, como os ribeirinhos

costumam chamá-la, é caracterizada por uma relativa escassez de produtos vegetais e por uma ampla dispersão da fauna aquática.

Deste modo, para os novos moradores que se estabelecem nessas áreas, o maior problema de adaptação à várzea é a grande diferença entre período de abundância e o período de escassez. O morador nativo da região, que cresceu com as adversidades do lugar, já conhece as limitações e sabe que, para se manter em um lugar tão ermo, precisa adaptar algumas “traquitanas” ao modo próprio de produzir tanto durante o período de inundação como de estiagem.

Os ribeirinhos ao longo do rio Amazonas, mais especificamente no Município de Santarém, costumam cultivar suas hortaliças, como cheiro-verde, alface, couve e repolho, em pequenas estruturas de aproximadamente, denominadas girau. A produção, que se destina mais ao autoconsumo das famílias, costuma reduzir-se na época da seca. Quando a produção estiver maior, vende-se o excedente nas feiras da região. Na medida em que a água “vaza”, são cultivados, no solo recém-desinundado, hortaliças e frutas maiores, como melancia e jerimum. O aumento da área para o cultivo, após a cheia, permite uma maior diversidade de espécies. A olericultura, bem aplicada na várzea, constitui uma fonte relativamente segura de renda. Há muito incentivo, por parte de associações e órgãos públicos, para os ribeirinhos investirem mais nesse ramo econômico promissor (BRASIL, 2014).

#### *A pesca e a agricultura como fonte de renda da população de várzea*

Já vimos que os trabalhos das unidades familiares camponesas não ocorrem de qualquer forma, mas as atividades obedecem à dinâmica da natureza, principalmente os relacionados ao regime hídrico da região.

São muitas as dinâmicas que os moradores da várzea têm que respeitar e às quais têm que adaptar-se ano após ano, pois, são muitas as mudanças, tanto na geografia, demografia e, sobretudo, no clima, que os ribeirinhos precisam levar em conta para sua sobrevivência.

Um papel central nas atividades, durante o ano, ocupa a pesca. Além de alimento principal, ela constitui uma renda mais ou menos regular, apesar de estar sujeita à flutuações em razão dos ritmos do rio.



**Figura 2:** Pescadores na região de várzea em plena atividade.

**Fonte:** Arquivo Fotográfico do IPAM, 2006.

No início do mês de junho começa a “vazante”, ou seja, as águas começam a baixar. Neste momento, os camponeses iniciam o trabalho da pesca de peixes de pequeno porte, como piaba, tucunaré, curimatã, além dos chamados peixes-lisos, como o surubim. Esta atividade se prolonga até o final do mês de novembro. É nesse período de mais ou menos quatro meses que o ribeirinho ganha um pouco mais de dinheiro. A renda obtida nesse tempo representa mais de 50 % das entradas anuais das famílias.

Com as águas mais baixas, a partir do mês de julho, quando as restingas começam a aparecer, os camponeses e suas famílias iniciam a preparação da terra, geralmente, nos meses de agosto e setembro, para as culturas de subsistência de ciclo curto, como o feijão, a maniva (mandioca), a melancia, o milho e o jerimum. Destas, apenas o feijão e a mandioca são produzidos para fins comerciais. Os demais produtos são destinados basicamente ao consumo das unidades familiares.

A colheita desses produtos de curto ciclo, exceto a mandioca, acontece nos meses de novembro e dezembro. Assim, os ribeirinhos-camponeses têm um período de trabalho contínuo, na segunda metade do ano, que vai da preparação da terra, passando pela manutenção dos roçados, até a colheita da lavoura.

Em meados de dezembro, quando a pesca fica proibida por Lei Federal, através da Lei do Defeso, os moradores da várzea param de pescar certas espécies e também deixam de vender o peixe-liso. Neste tempo, eles passam a viver basicamente das reservas que acumularam, geralmente em quantias modestas, durante o período do verão amazônico.

O seguro-defeso é uma forma de compensar o repouso das atividades pesqueiras e o tempo da desova, época de reprodução e migração das espécies que vêm cada ano para a chamada piracema. É nos meses de novembro a março que os camponeses afiliados à Colônia de Pescadores Z-20, com sede em Santarém recebem o seguro-defeso, correspondente a um salário mínimo. Segundo moradores locais, trata-se de um repasse de renda importante, pois garante a sobrevivência da unidade família sem precisar infringir a lei do defeso e despeitar, assim, o período de reprodução do pescado.

Enfim, nos meses de fevereiro e março, as famílias que possuem roçados de mandioca, iniciam os trabalhos de produção de farinha, com seus diferentes tipos e derivados. Esta atividade constitui, após a pesca, a segunda fonte de renda mais importante para as famílias da várzea.

### **3. PERFIL DA COMUNIDADE DO COSTA DO TAPARÁ**

A comunidade do Costa do Tapará à margem do rio Amazonas é uma típica vila ribeirinha. Sua população se compõe, em sua maioria, de “caboclos” que é consciente de suas origens indígenas. Estas se evidenciam, sobretudo, nas práticas, crenças e comportamentos do cotidiano.

#### *Contextos históricos e culturais da comunidade*

A Comunidade Costa do Tapará, surgiu em frente à Comunidade Tapará que fica na terra firme ou, melhor dizendo, uma restinga ou praia. Com o passar do tempo, esta comunidade cresceu ao ponto de não mais comportar as muitas famílias que ali vinham se instalar. Por isso, uma parte da população fundou a Comunidade Costa do Tapará.

Há um número considerável de pessoas com formação acadêmica no local, com isso, a educação escolar das crianças é satisfatória, pois abre perspectivas para um ensinamento mais dinâmico e mais adaptado à realidade.

Os comunitários vivem basicamente da pesca e da cultura de subsistência, cultivando mandioca, feijão e milho e outras leguminosas. Por ser uma vila do interior, a proximidade da natureza marca a vida diária. Apesar do potencial turístico, não há nenhum investimento neste sentido, sobretudo devido à distância da sede do município. No entanto, com base no conceito do turismo ecológico e sustentável, esta atividade possa talvez um dia desenvolver na comunidade, contribuindo a melhorar a renda das famílias.



Com o crescimento populacional na Ilha da Costa do Tapará, muitos moradores migraram para a parte mais ao extremo da ilha, vendendo os seus lotes para outras pessoas que vinham de outras paragens. A ilha da Costa do Tapará passou a ser chamada, anos depois, Costa do Tapará, sendo que, com a nova extensão territorial, comportava as famílias que ali chegavam.

Os mais antigos da família Neres são considerados remanescentes Cabanos, ou seja, eles vieram para esta parte do Baixo Amazonas para se proteger das perseguições, pois faziam parte revolta da Cabanagem, tanto que, ao descobrir que a Ilha da Costa do Tapará abrigava fugitivos Cabanos, o governo mandava as milícias para fazer a busca e matar os revoltosos.

A Comunidade Costa do Tapará fica à leste de Santarém, com acesso através de barcos ou lanchas. Os barcos que fazem linha são de propriedade dos moradores, tais como Aldebarã, Jerusalém, Meu Sonho, Miranda Rêgo e M. Oliveira. O deslocamento entre os diferentes canais e Tapará Grande é através de pequenas embarcações ou canoas.

O relevo do lugar é de planície de várzea, propício para a pecuária. A comunidade Costa do Tapará possui cerca de 12.000 mil metros de frente e 1.350 mil metros de fundo. Sua população atual é estimada em 904 habitantes, sendo distribuídas em 169 famílias que moram em casas fabricadas de madeira. São 307 homens, 252 mulheres, 182 meninas e 163 meninos. Na comunidade, o esporte mais praticado é o futebol com um total de oito times. A Associação de Moradores da Costa do Tapará (AMCT) toma as decisões nas áreas social, política e, também, religiosa, ou seja, a diretoria e as assembleias deliberam sobre todas as questões relevantes para que a comunidade.

O comércio é de consumo, há três estabelecimentos comerciais que atendem a toda a comunidade. Os comunitários também fabricam malhadeiras, tarrafas, esculturas em madeira e argila, redes e tapetes para o fomento da sua renda familiar. O barracão comunitário abriga as reuniões ordinárias da comunidade e eventos festivos. O meio de comunicação mais usado é a Rádio Rural de Santarém, gerenciada pela Diocese, ou a televisão que chega, por antenas parabólicas, em algumas casas.

A religião predominante é a Católica, organizada pela Diocese de Santarém, sendo o padroeiro do lugar São Francisco de Assis. A entidade que mais visita a comunidade é o Instituto de Pesquisa Ambiental das Amazônia (IPAM). Esta ONG é co-executora do projeto Estudos Estratégicos, Monitoramento e Controle do Pro Várzea. Ela participa efetivamente, auxiliando os moradores por meio do “centro de capacitação do pescador artesanal”, que é mais amplo do que o nome sugere, na medida que trabalha com a questão

da várzea como um todo. Dentro dessa iniciativa promissora, o IPAM tem um projeto em conjunto com a Colônia de Pescadores Z-20.

### *Aspectos econômicos e sociais da comunidade*

A dinâmica de produção e consumo, se efetua no quadro das chamadas unidades familiares de produção, isto é, da pequena exploração familiar no interior da comunidade local. De acordo com um morador:

Ao meu ver, a situação econômica da comunidade não dá pra ter altos salários, pois a maioria das pessoas aqui, para sustentar suas famílias, ganham da pesca de Surubim, Curimatã, Tucunaré, Piaba e do plantio de alguns alimentos, como melancia, feijão, milho (Morador da Costa do Tapará, 2017).

A organização e a composição dos grupos domésticos obedece a um mesmo padrão: unidades familiares extensas que compreendem a geração de pais, filhos e netos. O cálculo da despesa é considerado um só, mesmo que haja a divisão de tarefas e esferas diferenciadas de repartição dos ganhos e produtos. A quantidade de pessoas por família varia de 6 a 8 membros. Também constatou-se que a maioria possui casa própria ou doada por parentes que se mudaram para a cidade de Santarém.

Observou-se também que, a partir das entrevistas e a pesquisa de campo, a comunidade hoje tem uma renda que varia de apenas R\$ 300,00 a R\$ 350,00 ao mês, proveniente das atividades de pesca artesanal e agricultura familiar. Todos os entrevistados também recebem o Bolsa Família, que é um benefício social federal.

Algumas famílias são associadas a Colônia de Pescadores Z- 20 e, no período do defeso, recebem o seguro de pescador do Governo Federal. A comunidade possui, com foi assinalado, três pequenos comércios com produtos de necessidade básica.

As maiores rendas dos moradores advêm, no entanto, das pessoas aposentadas que escolheram continuar a morar no meio rural após a aposentadoria. De modo geral, fica evidente uma desigualdade na distribuição de renda que, como tudo indica, está ligada à baixa escolaridade dos que ganham menos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho de pesquisa acadêmica enfocou a Comunidade ribeirinha do Costa do Tapará no Município de Santarém, atentando a sua relação e interação com o ambiente no qual ela se localiza.

Observamos que os comunitários têm um saber acumulado, herdado dos antepassados, em como se adaptar ao ritmo de enchente e vazante, além de usarem novos conhecimentos e iniciativas em vista de uma melhoria no que se refere à geração de renda. Em suas atividades, os comunitários revelam também ser preservadores do meio em que vivem e do qual tiram sua sobrevivência física e social. No mesmo sentido, mostram-se receptivos a programas e iniciativas públicos, sobretudo aqueles voltados para o desenvolvimento da pesca. Esta, além de fornecer o alimento principal, garante a metade das entradas para as famílias. Enfim, percebeu-se que, ao invés de viverem isolados e desligados do mundo exterior, como muitos ainda imaginem os moradores do interior, a população da Costa do Tapará demonstrou ser empenhada em múltiplas agências, sempre atenta à adaptações no meio peculiar da várzea

A visita à comunidade de várzea serviu para aumentar o conhecimento dos autores sobre a realidade rural na Amazônia. A interação com a comunidade local não só fomentou mais esclarecimento, mas também inspirou a ideia de abordar a questão da vida na várzea em sala de aula.

A extensão universitária tem como desafio de contribuir para o desenvolvimento do meio rural, sobretudo mediante a análise das condições socioeconômicas de determinadas comunidades, marcadas por um baixo grau de escolaridade, uma renda per capita média menor que a metade de um salário mínimo brasileiro, uma infraestrutura de moradias precárias, a falta de acesso à água encanada ou à energia elétrica e a inexistência de serviço de coleta e/ou tratamento do lixo.

Mesmo assim, foi interessante observar que os moradores da comunidade Costa do Tapará apresentaram satisfação com suas vidas no local. Constante foi a preocupação com a baixa renda. Fica um desafio para o poder público investir mais no estímulo à produção agrícola na comunidade, principalmente na área de hortaliças e frutas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENZ, Karl Heinz. Anticabocismo. **Revista de Estudos de Cultura**, Aracaju, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2015.

Organização do Trabalho de Cooperação Amazônica (OCTA). **Gestão integrada e sustentável dos recursos hídricos transfronteiriços na bacia do rio Amazonas**. Projeto OTCA/GEF/PNUMA, Subprojeto II.1 (Projeto piloto). Santarém/Brasília, ago. 2014. Disponível em: [http://otca.info/gef/uploads/documento/55740-ATIVID.III.1.2\\_PATRICIA.C.OLIVEIRA\\_RELATORIO\\_3.pdf](http://otca.info/gef/uploads/documento/55740-ATIVID.III.1.2_PATRICIA.C.OLIVEIRA_RELATORIO_3.pdf). Acesso em: 27 nov. 2017.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Conflitualidade e desenvolvimento territorial** In: *Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 173-224.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITKOSKI, Antônio Carlos (orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira**. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

MORAN, Emilio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

SURGIK, Ana Carolina Santos. Estudos Jurídicos para a Várzea Amazônica. In: BENATTI, José Heder et al. **A questão fundiária e o manejo dos recursos naturais da várzea: análise para a elaboração de novos modelos jurídicos**. Manaus: Edição IBAMA/Pro Várzea, 2005, p. 15-32.

WWF-BRASIL. **Projeto Várzea: 20 anos construindo um sistema de cogestão dos recursos naturais no Baixo Amazonas**. Brasília: WWF-Brasil, 2013. Disponível em: [https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf\\_projeto\\_varzea\\_port.pdf](https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf_projeto_varzea_port.pdf). Acesso em: 29 nov. 2017.